



Antologia Poética – Seleta

Luci Collinⁱ

A palavra “antologia” vem do grego e significa “coleção de flores”; nessa coleção que tive a alegria de organizar temos reunidas vozes de diversos lugares do Brasil, com perfumes-estilos igualmente variados, mas todos com uma qualidade poética especialíssima e que tornou muito natural que aqui tenham se congregado. Boa leitura, boa aventura dos sentidos desse buquê.



Ilustrações: **Guilherme Silveira Dias**

ⁱ **Luci Collin**, escritora curitibana, leciona na UFPR.

O Fotógrafo

Não perdia tempo com palavras
"Você ama de verdade?"
Nu, na sacada do hotel em Tanger,
a propos de rien
olhando a cena como quem celebra –
Um copo de suco, cigarros, ideogramas chineses,
cartões postais e fotografias
espalhados numa mesa negra:
o piano de Einstein
tecia linhas de fuga
formando espirais
que desapareciam.
Imagista obsessivo, ele havia penetrado
no outro lado do espelho e saído
à procura de Alice e do coelho da lua.
"Previsão de neve no domingo". No deserto,
"tudo é *phanos*: essas nuvens distantes se elaborando
e refletindo-se de volta
no espelho da piscina".
"Você vem?".
Então fotografava o futuro, apreciava um processo
de vir-a-ser, ondulações e o ar-reflexo das ondas
depois de um corpo mergulhar.
O mundo todo num clic.
Arqueiro de Herrigel,
a roleta russa do olhar

dispara setas à deriva, em direção ao céu,
revelando polaroides & esquizofrenia.

Ruído de oceano e pássaros
se mixando com as imagens
sem som do vídeo.

Você imaginando a neve, breve,
de novo caindo como antes,
nossas faces se dissolvendo com os galhos
agora distantes
levados para sempre
pela violência do vento.

Tudo se solidifica.

A linha do céu retém o último poente
até que ele explode o índigo da noite.

Ondas de oxigênio: um céu de seda.

À velocidade do tempo, um aparelho
condiciona o ar, umedece nossas vozes.

Uma sucessão de flashes
nos mixa com cartas e fotografias, brancas, numa mesa.

As mesmas imagens
voltam misturadas aos ruídos
e a alucinação do real recomeça:
o fotógrafo havia decidido
se deixar levar pela fúria dos eventos, seguir
as dicas sutis dos hieróglifos
e recolher os dados em silêncio.

Afirmar:

os instantes não seriam mais
tensos como antes mas
intensidades,
temperaturas, imprevisíveis
retornos.

A luz azul de ozônio oscila e acaricia

suas retinas —
nuvens dirigidas pelo vento
Sul,
Você se debruça sobre ele,
o vidro do céu te silencia, seco,
com a sede de um deserto.
Dedos
trêmulos
olhos nômades
desembaraçam sombras
gatos-pêndulos caem sobre a grama: fotografamos.
Sentidos se bicam como pombas
— como podem —
depois levantam voo
Sem nosso sim. Zoom, ou
nossos olhos cruzando a cena
linhas de fuga se supersonizam, neste deserto,
volume de ondas simulam Odessa
ou Santorini, vulcânica.
Essa chuva:
o som do rádio sibila com o rufar das árvores
perdido na estática, na impossibilidade das estações.
A estrela da manhã equaliza
nosso senso de tempo e direção.
Estas palavras:
outubro ou outono, um outro ano.
Eu vejo a neve na TV fora do ar
caindo em você.

Crápula, O Poeta

Preso no apartamento
de suas ideias fixas,
Conspira sozinho.
A inveja é seu vício.

Assassino do poente
E líricas reputações
Obsessivo demente
Sem crepúsculo nem escrúpulo.

Da janela, com desprezo,
Como uma tela de tevê,
Vira merda e ressentimento
As coisas que ele vê.

Bicho feito de ódio,
Psicopata do verso,
chafurda, poeta surdo,
sua pastoral no lixo.

Manasota Key

Nas páginas do mar
pelicanos em linha
escrevem as sombras de seus peitos
ao quase tocarem uma onda.
O sol rascunha rubros
bilhetes de despedida, toda tarde.

Golfinhos, suas barbatanas
relatam os rudes caminhos
pela pradaria das baleias.
Mergulhões redigem sua escrita kamikaze,
suicida, invisível por instantes.

Nas páginas da areia
(cujas conchas são suas obras completas)
fósseis negros de dentes de tubarão
escrevem a autobiografia
de dois milhões de anos.
Rastro de guaxinim,
seu romance de aventura
da duna à estrada.
Um siri deixa sua assinatura
sobre marcas de pneus de um SUV.
Garrafa com uma mensagem, um pen drive
com a história de um naufrágio.

Nas páginas do céu
nuvens ancestrais e sempre-novas relatam
suas viagens sobre o mundo, infinitas.
Furacões emplacam best-sellers
sobre o Golfo do México
enquanto folhas de outono caligrafam no ar
ideogramas precisos,
memórias do vento.
Satélites traçam haicais de luz.
A lua amarelo-limão descreve seu brilho solene
sobre as palmeiras da Flórida.

Eu não escrevo nada.

(dezembro de 2012, The Hermitage Artist Retreat, Manasota Key, Flórida)

A História da Lua

Ela, velha

lanterna chinesa

translúcida

(Cor de crânio

quase a explodir)

flutua – Lua:

Escudo de batalha,

hóspede do céu,

cesta de damas-da-noite:

Quantas marcas de passado

em suas feridas, fissuras,

cicatrices?

1969, Amstrong te largou aí,

depois de pisar e pular

em suas crateras.

Até hoje dizem

que tudo não passou

de pura encenação.

Cientistas se debatem

sobre o mistério

de sua composição

E ainda assim, com essa cara

de máscara Nô,

você nos olha.

Li Po te esperou aquela noite
no Rio Amarelo.
Ele só queria abraçá-la.

Méliès (1902) abusou
de sua inocência
em *Le voyage de la lune*

Enquanto egípcios
a tiveram, Chonsu,
em altíssima conta.

Artemis, Chandra, Jaci.
Deusa Branca,
Senhora do Oriente,

A memória colhe
outros nomes
em seu passeio noturno:

Bombardeada pelo sol,
o que fascina
é sua face oculta:

Capuz de velha bruxa,
perita no disfarce
de suas fases.

Este o nascer da Terra
visto de sua praia cinza e sem mar,
onde som nenhum se propaga.

Estéril concubina, espelho solar,
satélite inútil
suspense no enigma.

Certa noite de verão
Sokan lhe pôs um cabo
e tornou-a um esplêndido abano.

Lua que desce à terra
e se mistura
com o sonho dos homens.

Império dos Segundos

Se eu fosse parar pra saber
o sabor deste instante
não iria jamais perceber
do que é feito o durante,

a carne de cada segundo,
minuto de cada poente
de que é feito este mundo,
sangue, esperma, poeira,

não ia jamais me lembrar
da trama da tarde, museu
onde moram as velhas horas,
nem o duro rosto deste outro

outono, matéria, mistério,
nem a memória, esse mármore
em fluxo, rugido em estéreo

de uma incessante cachoeira.

Rodrigo Garcia Lopes (nascido em Londrina, PR, em 1965) é autor de dois CDs de música (*Polivox* e *Canções do Estúdio Realidade*) e 15 livros (poesia, romance, tradução, entrevistas). É Mestre em Humanidades Interdisciplinares pela Arizona State University e Doutor em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina. Como tradutor, publicou *Sylvia Plath: Poemas* (1990) e *Iluminuras: Gravuras Coloridas*, de Arthur Rimbaud (1994), ambos em parceria com Maurício Arruda Mendonça. Em 2004 traduziu e organizou os livros *Mindscapes: Poemas de Laura Riding*, *O Navegante* (da tradição bárdica anglo-saxã). Em 2005 publicou *Leaves of Grass / Folhas de Relva*, de Walt Whitman e, em 2007, *Ariel*, de Sylvia Plath (em parceria com Cristina Macedo). Rodrigo Garcia Lopes teve seu poema "Stanzas in Meditation" incluído na antologia *Os Cem Melhores Poemas Brasileiros do Século* (2001). Sua obra está representada em várias antologias importantes de poesia brasileira contemporânea, no Brasil e no exterior. Desde 2002 é um dos editores da revista de literatura e arte *Coyote*. Seus últimos trabalhos, *Experiências Extraordinárias* (poesia) e *O Trovador* (romance policial histórico), foram semifinalistas do prêmio Oceanos de Literatura. *Experiências Extraordinárias* foi finalista do Prêmio Jabuti 2015. *O Trovador* também foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura 2015. Em breve a Ateliê Editorial publicará *Epigramas*, do poeta latino Marcial. Site oficial: www.rgarcialopes.wix.com/site

Marília Kubota

Lunáticos

da lua
quem ainda
se enamora
quem desliga
a tevê
e demora
a olhar
a rua ?

Corpo

É no corpo que habita
a fome, é no corpo
que desespera o
o sono, é no corpo
que circula
a sede. É no corpo
que o sol
é seda, é no corpo
que é pouco
o sexo, é no corpo
que se veste
a noite, é no corpo
que se pensa
o poço, é no corpo
que tatua
o sonho, é no corpo
que a vida
extingue

Solidão na cidade

A cidade é habitada por gentes
que vivem sós
como vivem sós os bichos
e as árvores.

Mesmo a gente em multidão
está só
A solidão é um cachorro
passeando na praça
mulheres dentro da igreja
homens bebendo no bar.
A cidade é habitada por gentes
que buscam amor
em varandas ensolaradas
em conversas sobre os jornais
em filmes de gentes
que buscam amor.
O amor pode estar
numa concha
colhida ao acaso na praia
que a mulher só encontra
na praça ao meio-dia:
ela tenta ouvir o barulho do mar
ouve um amante se afogando
num copo d'água.
De repente a concha cospe
o afogado em seus braços.
A mulher febril o abraça
O homem febril a abraça
De repente
não estão mais sós
na cidade de gentes só

Filhotes de cachorro brincando sem ninguém ver

o que arde
no fim da tarde
é o som meio covarde
de bocas ainda não abertas
de línguas desencontradas
num só corpo
como se o outro fosse
viagem
vertigem
miragem

Um poema às cegas

às cegas que vendem flores
em filmes da belle époque
às cegas que escorregam
os dedos em guarda-costas
às cegas que voam
à meia-noite na tiradentes
às cegas que sossegam
em meio a bocas-de-leão
às cegas que tocam
canções clarividentes.

Marília Kubota (Paranaguá, PR, 1964) é jornalista e mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná, e editora da REVISTA MEMAI (www.memai.com.br). Desde 2005 orienta oficinas de criação literária, organiza eventos e publicações. Publicou os livros de poesia *micropolis* (2014), *Esperando as Bárbaras* (2012) e *Selva de Sentidos* (2008) e organizou as antologias *Blasfêneas. Mulheres de Palavra* (2016) e *Retratos Japoneses no Brasil* (2010), participando de 13 antologias de poesia e prosa. Participou de exposições no Museu Oscar Niemeyer (2016), na Casa de Cultura Monsenhor Celso /Paranaguá(2015), no Museu da Língua Portuguesa (2014), entre outras. Os cinco poemas dessa antologia pertencem ao livro "diário da vertigem", publicado em 2016 pela Patuá.



Ilustrações: Guilherme Silveira Dias

Lar

Habitar uma língua
é preenchê-la de casas
e entre os seus muros
cheios de mistério
respirar (s)em desespero.

Habitar uma língua
é fazer das vogais
os espaços terminais
das lágrimas secas
e rasgar as consoantes
nos cantos das pias.

Habitar uma língua
é, para além de amar,
aprender a combinar
a consoante a soar vogal
e a vogal, a consoante
e, em vogal, tecer plural
instante de consoante
singular-mente
sem pensar:
respeitar o cansaço, em abraço,
penetrar o descaso em foice, sem martelo
admirar o consolo do possível
sem perder o foco do absurdo!

Construir subterfúgios em sinfonia,
para que, se houver, vendaval
fiquem os fonemas, em sílabas dispersas
de alegria...

Hiato

Que cada instante é um sol
e cada momento, uma lua
que os dedos com que tocas os livros
são transmissores da fé que potencializas nas palavras que lês
que o sol desperta todas as manhãs
que só são iguais na regulação das horas
que as noites chegam sem temor
disso tudo todos sabemos
mas disso nos esquecemos
ou fingimos desconhecer
para que o frio nos ossos em noite de inverno
seja cauteloso
e para que os aniversários sejam sempre a bolo & champagne

Depois, há que cada instante pode ser um sol
e que cada momento pode ser para além das luas que conhecemos
mas é preciso esquecer ou fingir que conhecemos
e as palavras, nossas aliadas

para entoarmos cantigas de rodas
esculpirmos castelos de areia
nas marés que não navegamos
e nos vôos das aves que ouvimos

basta um instante a cada brilho de sol
um sol a cada instante
mais que todas as luas de cada momento
e as marés todas nas mãos que pousas nos livros que não abres
com os dedos dormentes das páginas em branco.

Profundamente

(a Manuel Bandeira, in memoriam...)

Quando ontem adormeci
na fogueira de meus sonhos,
era bela, formosa e única.
Tu eras o meu herói
e o teu cavalo falava português!
Quando ontem adormeci
na fogueira de meus sonhos
estávamos em São João
no sítio de Santa Maria da Feira
e caminhávamos
até encontrarmos
aves e cavalos...
Os dias passaram
As noites chegaram
Teu cavalo virou poliglota
e o jeguinho que me acompanhava
nem sequer lembrou-se do caminho de volta...

Quando ontem adormeci
na fogueira de meus sonhos
tínhamos os braços enlaçados
na eternidade profunda
do oceano atlântico
assim quando o sol se põe
numa noite de verão
lá na Praia dos Ingleses
no Porto de meu coração.
Quando ontem adormeci
esqueci-me do hoje
e das lágrimas
que algumas mágoas trazem
tão rente à pele
e ao esquecimento...
na fogueira de São João
lá no sítio
de Santa Maria da Feira.

No Rio

Um dia

terei corpo franzino
ossos à mostra
como as modelos
nas montras
e saberei o que sentem
as magras
quando deitam água na boca.

terei corpo dentro
apenas uma maçã
até o meio dia
e guardarei
(tão somente)
aos aniversários
os chocolates.
caberei
em toda e qualquer
peça de roupa
de minha escolha.
e não terei medo dos olhares.

Serei mais vaidosa do que sou hoje
e farei dos vidros todos
meus espelhos
- afinal, se as roupas todas caberão, não chegarão ao ego.

Lambusarei as pernas em protetor solar
no verão.
E como andarei de bicicletas em *shorts*
e camisas regatas, a esnobar a fineza dos braços
às gordas que me reprovarão a ousadia em inveja.

E como encherei o pescoço em colares
a ver se aumento o volume sem comida.

E vestirei transparências, a fingir que nada sinto
além do vento
e nada desejo além da brisa.

Vez por outra, terei cores na cintura
para dizer que também posso ter volume

nos quadris, como as gordas
que os homens amam sem pudor.

E irei à praia em sessão solene:
bikinis, chapéus e maquiagem à prova d'água.
e os cabelos, pintados
- porque o tempo que eu empregaria a fazer brigadeiros
irei ao cabeleireiro.

E se mesmo assim me acharem feia,
volto a ser gorda,
com todas as vogais
mais consoantes de outras palavras
porque já não desejarei outra coisa
a não ser mergulhar na areia
oca de imagens,
imersa de palavras-vento,
palavras-água
- e eu, sereia!

Onde não habito

Escondo
a fome
que há em mim
iludindo-me
do apanágio
da pobreza.

E esta mesma fome
- ouro da miséria –

se dilata
feito fétida
ferida no féretro
de cascalho ocre

- esconderijo-abutre,
subterrâneo sentido
do não-ser

A paulista **Gisele Wolkoff** é autora de *Partidas* (2012) e *Rumo ao Sol* (2014), publicados pela Editora Palimage, Portugal. É professora do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Fluminense, Volta Redonda. Coordena a pesquisa *Cultura e Artes no sul-fluminense: me*

Luminares

1

OLHOS FECHADOS

cigarras mudas

de sono e bebida

beijos na boca

de chorar

os cavalos bravos

de galopar

pelas ruas

da cidade vazia

chorar não chores

o teu cavalo te leva

o teu cavalo te acorda

o teu cavalo insone

reino da fuga

herói despido

ele te levará

folia de estrelas

para ver mundos

e adormecer

*

2

OLHOS ABERTOS

cigarras tontas

de sono e bebida

nenhum beijo

amansa

os cavalos em fúria

soltos

na cidade vazia

move-se um mundo

o teu cavalo são ossos

o teu cavalo sem nervos

o teu cavalo-moça

trota

reino dos lobos

sem heróis ou dentes

apenas um olho

de unicórnio

*

3

OS OLHOS DO CEGO

guiam as cigarras

de sol a sol

e depois do beijo

o riso

os cavalos girando

no carrossel

que sempre chega

com exatidão

ao mesmo ponto e

movimenta devagar

os cavalos sem alma

os cavalos sem carne

cavalos de papel recortado

vindos de outro tempo

na verdade

são lobos de brincar no

teatro de sombras

ei-los subindo descendo

para onde irão?

*

4

CLARICE ESTÁ NO PARQUE

posa para o retrato

e tem nas mãos

aquele vermelho

do hibisco que sangra

olhos fixos

clarice sente-se

nua como uma fruta bomba

cortada sobre a mesa

expõe suas sementes

clarice prova o batom

na pele da mão

e atira pedras ao vento

clarice inseto clarice fruto

no parque

posa para o retrato

clarice em carne

fala entre dentes

em seu estranho acento

sobre o poema que abre

a ferida da linguagem

*

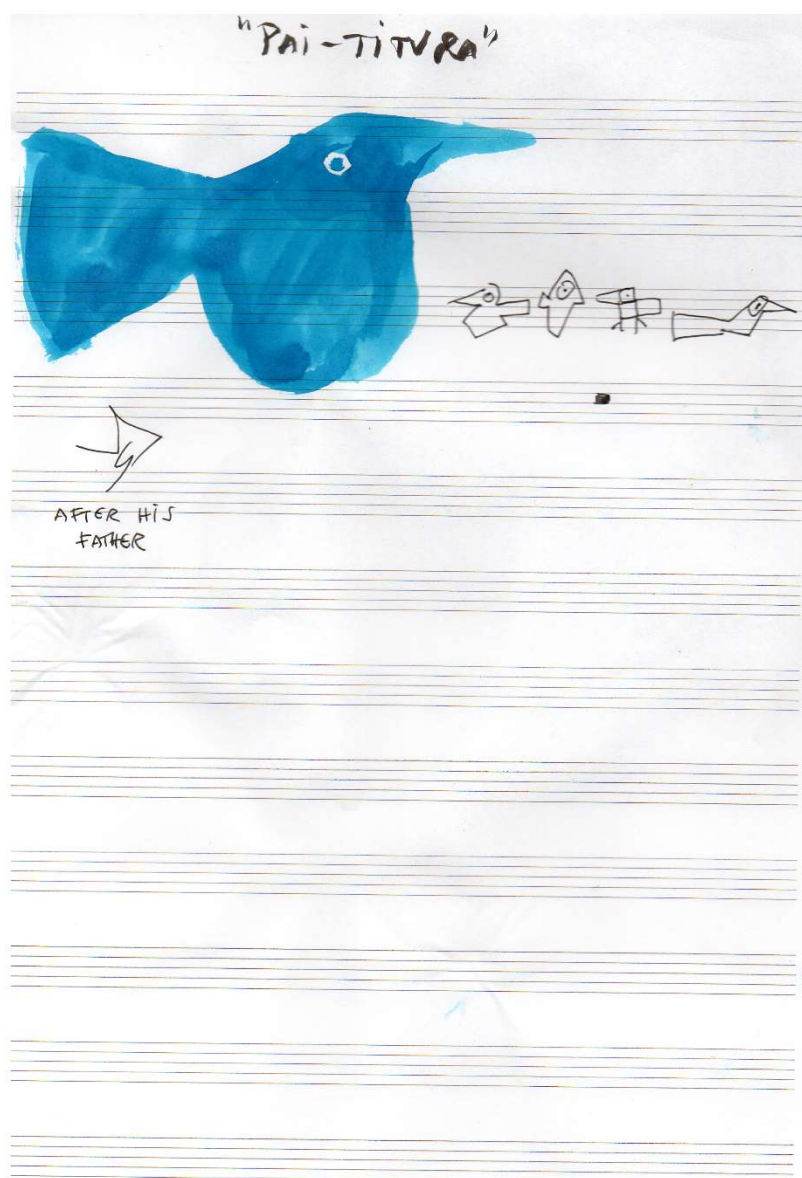
5

TODOS OS DIAS EMPRESTO OS OLHOS
para que ele veja os barcos
que entram e saem
navegando na barra do cais
meus olhos calculam
a manobra do práctico na linha das pedras
a massa líquida marítima
e o horizonte impreciso nos dias de chuva
quando o último navio desaparece
permanecemos imóveis no cais imaginário

sob o céu de pedra
acaricio a água com os olhos.
estamos nus

*

A pernambucana **Jussara Salazar** é Mestre em Estudos Literários (UFPR) e Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC/São Paulo). Designer, artista visual e tradutora, como poeta publicou os livros: *Inscritos da casa de Alice* (1999), *Baobá: poemas de Leticia Volpi* (2002), *Natália* (2004), *Coraurissonoros* (2008), *Carpideiras* (2011, Funarte) e *O gato de porcelana, o peixe de cera e as coníferas* (2014). Em 2016 lançou o livro *Fia*, com poemas sobre rendeiras, publicado pelo selo Demônio Negro.



Ilustrações: Guilherme Silveira Dias

Aforismo schopenhauriano-nietzschiano-freudiano

para meu psicopompo, Denilson Sousa Melo

o que é pior: a má-fé

ou a má-consciência?

tenho ambas

no inconsciente

07.VIII.2015

Feminismo poético

“Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de uma galinha.

noite 19.XI.2014

Livre

nada como ser
levada pra cama
por um...
livro

Ofício

com o plectro — a caneta —
tanjo a lira branca em espiral

A Maçã (tema)

para Eleotério Burrego

dias depois
gregor sansa
arrancou
o fruto
que o pai
lhe jogara nas costas
e o comeu

A Maçã (variação 1)

para Eleotério Burrego

anos depois
gregor sansa
comeu o pai
de manhã
junto com o fruto
que este
nas costas
lhe jogara

A Maçã (variação2)

para Eleotério Burrego

décadas depois
gregor sansa
levou à casa do pai
o fruto repartido
pra dividir
com ele
no café da manhã

madrugada de 05.IV.2015

Luciana Martins nasceu em São Luís, Maranhão, em 1964, tendo sido criada entre Barra do Corda e Brasília. É professora de literatura, com mestrado (UnB) e doutorado (USP) em literatura brasileira. Escreve poemas e crônicas acreditando ser verdadeiro o paradoxo de Aquiles e da tartaruga, sendo ela a tartaruga. Publicou até o momento *Lapidação da aurora* (São Paulo:Giordano,1996), "*o espetáculo das sensações alheias*" (Curitiba: Medusa,2003) e *lyrica75mg*(Rio de Janeiro: 7Letras, 2015) — todos de poesia.

Ouriverso

para José Renoir

achei a palavra hoje
caída numa fenda do dia
garrafa preciosa enluvada de pó
 ouriverso
deve ser quando o sol
atravessava as folhas da parreira
os cardumes de sombra na terra
devem ser os cardumes de sombra

achei não sei bem quando
no bolso de um capote mofo
brinquedo de folhas movido a vento
 achei sim
ali deixada talvez em mil
novecentos e setenta e três
nova de velha, transpalavra
 ouriverso

Afogado sinaliza ao farol

navego a esmo
esparso
preço? porto?
minha vela é frouxo vapor

não tenho leme
nem motor
piratas querem quanto?
minha carga é pouca
baú boiando

vazei o peixe na água
esgotei a sorte

o norte a quem o aproveite
não sigo tua asa

não vês?
eu sou tua pa

Puzzle

estilhaço meu peito
em teus confetis de aço
(em slow
motion
para que possas ver
cada
pedaço)

corto meus ossos
com a corda dó
de tua piedade ferina
(parto o caule
despetalo a retina)

nado na baba ácida
bebo teu veneno
fúcsia
me de
com
po
nho
para que montes teu puz
zle
de lutos
desfaleço
teso
até que tenhas em cores
berrantes
a mordança do amor
(sua louca!)
e tombes
no meu colo
a tua boca

Antibélico

este galo
briga diferente

outros galos, dores
fervores da rinha,
nada disso
ergue-lhe a crista
dispara sua espora

ser galo
e de briga
isso é o que o intriga
irrita e róí

crava os pés na própria
carne
bica a sombra
se infla de asco pela sina
bélica

ser galo
e de briga
isso é o que lhe quebra
a asa metafísica

e quando amanhece
(tanto cansa
brigar consigo)
não canta, não desperta
nem a si nem a ninguém:
dorme exausto
sob as penas
de seu eterno inimigo

Dora Carrington

ninguém se aproxima pela tua sombra
neste sonho imóvel
só cascas de estrelas no espaço em que sumiste
como um gato

tua última palavra envelhece sobre o papel

queimarei tudo ao amanhecer
(me dissipo num estampido)

deixarei no espelho a lua
e a órbita vazia da estrada

Marcos Pamplona nasceu em Curitiba, em 1964. É editor da Kotter Editorial e poeta. Escreveu, com Alice Ruiz, o roteiro do longa-metragem *Alice e Paulo*, sobre a vida de Alice e Paulo Leminski nos anos 1970 e 1980. Teve poemas publicados nas coletâneas do Prêmio Off Flip de Literatura (2006, 2008 e 2010), na revista *Jandique*, nos jornais *RelevO* e *Cândido* e no blog *Mallarmargens*. Em 2016 lançou seu primeiro livro individual de poemas, *transverso*, publicado pela Kotter/Ateliê.



O curitibano **Guilherme Silveira Dias**, é ilustrador, artista plástico e quadrinista; também atua na área de animação digital e do design gráfico. Seu site: edli.work